II Congresso Nacional de Formação de Professores
XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores

Trabalho Completo

PROJETO DE EXTENSÃO: POSSIBILIDADE DE EXPERIÊNCIA REFLEXIVA PARA O PROFESSOR EM FORMAÇÃO

Sonia Aparecida Belletti Cruz

Eixo 3 - Formação do professor alfabetizador
- Relato de Experiência - Apresentação Oral

Estudos mostram que a intervenção pedagógica para auxiliar crianças com dificuldade de aprendizagem é considerada recurso efetivo para promover a reversão do insucesso escolar e apontam a importância da formação inicial de qualidade para formar docentes reflexivos e questionadores sobre os problemas cotidianos e os fundamentos científicos. Embasado nas concepções de Meirieu (1998, 2002 e 2005) sobre conhecimentos docentes e formação autorreflexiva, o presente trabalho objetiva relatar experiências de universitários do curso de Pedagogia da UNIP-Araraquara-SP no desenvolvimento do projeto de extensão de apoio escolar às crianças com dificuldades de aprendizagem do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, visando integrar saberes e prestação de serviço. Por meio de questionário semiaberto, buscou-se saber destes universitários o que pensam a respeito dos conhecimentos e comportamento das crianças e se o desenvolvimento do Projeto traz benefício à aprendizagem delas. As respostas indicam que os universitários são capazes de observar as habilidades e competências das crianças, bem como seus interesses e atitudes, tanto nos primeiros dias como no decorrer dos encontros. Também mostram a percepção de suas próprias ações e capacidade de vislumbrar alternativas de intervenção junto às crianças, dependendo das atitudes positivas ou negativas nas situações vivenciadas. Considera-se que a participação dos universitários no desenvolvimento do Projeto de Extensão Comunitário tem lhes trazido importantes aquisições cognitiva, afetiva e conhecimentos práticos, o que pode explicar sua manifestação de contentamento e de desejo de dar continuidade aos trabalhos realizados. Palavras-chave: Formação de Professores. Projeto de Extensão. Dificuldade de Aprendizagem.

PROJETO DE EXTENSÃO: POSSIBILIDADE DE EXPERIÊNCIA REFLEXIVA PARA O PROFESSOR EM FORMAÇÃO

Sônia Aparecida Belletti Cruz. UNESP - FCL/Araraquara. UNIP- Araraquara-SP

INTRODUÇÃO

Considerável é o número de crianças que frequentam a escola e não conseguem aprender a ler, a escrever ou a resolver problemas básicos de matemática. Tais crianças fazem parte do rol das classificadas equivocamente por alguns, como “atrasadas”, “que não conseguem aprender”, “que não prestam atenção”, dentre outros rótulos, pelo fato de apresentarem dificuldades de aprendizagem ou de comportamento. Algumas delas, prosseguindo assim até o final do Ciclo I do Ensino Fundamental, acabam fechando o círculo vicioso “fracasso-desinteresse-indisciplina”.

A dificuldade na aprendizagem sempre incomodou os estudiosos da educação, que desenvolveram várias pesquisas a esse respeito. A despeito de tais estudos, nota-se que muitos professores e pais ainda não estão sabendo lidar com essa situação, o que acarreta nas crianças sentimento de baixa auto-estima e de inferioridade.

Para Correia (2007), dificuldade de aprendizagem pode ser considerada “desordem de aprendizagem” ou “transtorno de aprendizagem”. Segundo ele, o termo dificuldade de aprendizagem (DA) começou a ser bastante usado após os anos de 1960 devido ao insucesso escolar das crianças, atribuído ou não a outros processos de aprendizagem. Surgiram duas definições para DA e que até hoje são utilizadas para a identificação de crianças que não conseguem aprender. A primeira delas é de Samuel Kirk, no seu livro *Educação da Criança Excepcional*. O termo referia-se a um atraso, desordem ou imaturidade num ou mais processos da linguagem falada, da leitura, da ortografia, da caligrafia ou da aritmética, resultantes de uma possível disfunção cerebral e/ou distúrbios de comportamento e não dependentes de uma deficiência mental, de uma privação sensorial, de uma privação cultural ou de um conjunto de fatores pedagógicos.

Cruz (2003), em sua pesquisa realizada com professores do ciclo I do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual na cidade de Araraquara sobre

as dificuldades de aprendizagem de seus alunos, obteve como resultado três fatores que, segundo os depoimentos dos docentes, podem interferir de forma negativa na aprendizagem: familiar, da própria criança e da escola. Como fator familiar, os professores apontaram a falta de carinho de alguns pais ou responsáveis pela criança e a desatenção deles em relação aos seus estudos.

Em relação à própria criança, na opinião dos professores, ela pode apresentar problemas de ordem emocional ou neurológica, ou distúrbios mentais ou déficits de atenção e mesmo problema em se relacionar, entre tantos outros que atrapalham seu desempenho escolar.

Por último veem as dificuldades que as crianças encontram na escola. Para os professores são problemas consequentes da forma como o professor desenvolve as atividades e se relaciona com seus alunos e que, em alguns casos, a criança chega à 4ª série (5º ano) com deficiências que se instalaram desde a 1ª série.

Os dados de tal pesquisa mostram, também, respostas positivas das crianças quando submetidas à intervenção afetiva da professora, demonstrando aumentar seu nível de aspiração, motivação e engajamento para com as suas tarefas. Em virtude da ação da professora, passam a exercer autocontrole sobre suas ações.

É evidente que para intervir de forma eficiente, além de ter conhecimento dos conteúdos de sua área, o docente precisa conhecer as metodologias adequadas para ensinar. Porém, em alguns momentos, há aqueles que não conseguem aplicar as propostas formuladas teoricamente e se veem em situação nas quais suas concepções e preceitos são colocados em xeque, o que lhes traz sentimento de desconforto e de culpa.

Neste caso, Meirieu (1998) exorta os professores iniciantes a não desistir de pôr em prática suas propostas teóricas, considerando-as úteis à ação pedagógica, porque mesmo que o esperado não ocorra, de alguma forma, algo de importante acontece no ato educativo. É o que o autor chama de “momento pedagógico”, no qual o professor após planejar sua aula, prever e programar a aprendizagem se defronta com a resistência do aluno, que rejeita e ignora o que lhe é proposto no contexto educativo. É o momento em que ele sofre, sentindo-se excluído e é sinal de que o projeto de educar não foi efetivado tal qual se apresentava inicialmente.

Estudos em torno da formação docente são constantemente abordados por pesquisadores da área da Educação. Alguns articulam formação inicial e continuada e outros se voltam às questões teórico-metodológicas e à reflexão sobre a prática pedagógica, dentre variados enfoques.

Porém, para que formem bons profissionais, os cursos de licenciatura devem apresentar qualidade e valorizar o seu papel no contexto de sala de aula. Devem formar docentes que pensem e questionem os problemas cotidianos e os fundamentos científicos.

Na visão de Mello (2001, p. 156), é necessário que o professor que terminou o curso de Pedagogia demonstre qualificação e se sinta preparado para atuar na educação básica, já que "ninguém promove a aprendizagem de conteúdos que não domina nem a constituição de significados que não possui ou a autonomia que não teve oportunidade de construir.".

Partindo desta premissa, surgem questões sobre os saberes adquiridos e percebidos pelos universitários nos cursos de formação de professores: eles se sentem preparados para a relação assertiva com as crianças e as acompanhar no processo ensino-aprendizagem? Aprenderam a relacionar aspectos teóricos com a prática pedagógica? O que sabem a respeito das dificuldades de aprendizagem e de comportamento dos alunos e a melhor intervenção para os ajudar a sanar tais problemas?

Também discutindo essas questões, Cruz (2011) afirma que somente o professor bem formado e comprometido com suas responsabilidades, torna-se capaz de se perceber e perceber seus saberes e seus alunos, para bem orientá-los e lhes oferecer instrumentos adequados as suas necessidades.

Em relação à missão da universidade, sabe-se que se baseia no tripé ensino, pesquisa e extensão. No ensino transmite-se de maneira sistemática o saber historicamente acumulado pela sociedade. A pesquisa é responsável pela geração de novos conhecimentos e desenvolvimento da tecnologia. Finalmente, a extensão incumbe-se de levar todo esse saber para fora da academia, servindo à comunidade e alimentando-se de novos desafios.

O conceito de Extensão definido pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras de 2001 salienta que:

> A extensão universitária é o processo educativo que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e a sociedade. A extensão é uma via de mão dupla com trânsito assegurado à comunidade

> acadêmica, que encontrará na sociedade a oportunidade da elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes terão um aprendizado que submetido à reflexão teórica, seria acrescido àquele conhecimento. Este fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados /acadêmico e popular, terá como consequência a mudança de conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atenção da universidade (FORUM, 2001).

A esse respeito, Silva (1996) salienta que a Extensão Universitária oferece aos universitários a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula. A possibilidade de "ensino-aplicação" é uma maneira planejada de preparar seus profissionais com teoria, complementando a formação com estratégias metodológicas.

Assim, o presente trabalho objetiva relatar as experiências de seis universitários do curso de Pedagogia da Universidade Paulista-Araraquara-SP, no desenvolvimento do projeto de extensão de apoio escolar às crianças com dificuldade de aprendizagem dos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental de três escolas públicas, duas estaduais e uma municipal, visando integrar saberes e prestação de serviço.

Desenvolvimento do Projeto de Extensão

Pioneiro no curso de Pedagogia da Universidade Paulista, tal projeto vem sendo desenvolvido, nas dependências do campus de Araraquara-SP, desde o ano de 2009 e atende às crianças aos sábados, das 9h00 às 11h00, no Laboratório de Pedagogia, levadas por uma pessoa de sua família.

Durante os encontros semanais, no processo de acompanhamento e intervenção, os recursos pedagógicos adotados são diversificados e diferenciados daqueles utilizados nas aulas regulares da escola, na tentativa de estimular o interesse e o envolvimento da criança e levá-la a se sentir sujeito da construção do conhecimento.

São apresentados jogos, brincadeiras, músicas e instrumentos musicais (bandinha), almejando aprendizagem que tenham significado e aplicabilidade em outras situações da vida das crianças. Utiliza-se, também, atividades de jogos educativos no laboratório de informática da universidade. Alguns jogos são confeccionados pelos acadêmicos nas aulas práticas de metodologias de ensino.

A respeito da pedagogia diferenciada, Meirieu (1998) recorre à ideia de que nem todos aprendem ao mesmo ritmo, de acordo com os mesmos padrões, assimilando da mesma forma, com a mesma facilidade. Por isso, é necessário estabelecer caminhos e alternativas para cada conjunto de alunos. Não se pode fechar cada um na sua própria estratégia de aprendizagem; devem ser abertas perspectivas e a aprendizagem deve abrir caminhos para a metacognição.

O trabalho em grupo é priorizado, valendo-se do princípio de que a prática coletiva de execução de atividades permite produções mais elaboradas e mais corretas que as exibidas individualmente. Junto ao seu igual, a criança sente-se menos intimidada e mais à vontade para manifestar seu posicionamento e suas dúvidas. Para Meirieu (2005, p. 196), este tipo de trabalho tem o objetivo de garantir a participação de todos e proporciona a verificação da coletivização das aquisições. “De fato, ele permite variar os métodos, estimular a curiosidade, favorecer as discussões entre as pessoas e atingir objetivos específicos [...]”.

Como resultado, observa-se no decorrer destes anos que, aos poucos, as crianças vão diminuindo sua resistência às atividades e aumentando a participação nas mesmas. Em consequência da mudança de comportamento, atingem melhores resultados na aprendizagem e se mostram satisfeitas em suas realizações, com elevação da autoestima.

A avaliação da criança ocorre por meio de observação de seu desempenho, englobando os aspectos cognitivo, afetivo e social. À medida que realiza suas atividades, ela vai elaborando seu portifólio, traçando o seu percurso e expressando suas realizações, transformações e evoluções, enfim, acompanhando sua trajetória na aprendizagem.

Os Universitários

Em 2012 participaram do desenvolvimento do Projeto de Extensão Comunitária sete universitários do 2º e 3º anos, tendo um deles, do 3º ano, a função de monitor do Projeto. São orientados pela professora responsável, presente contínua e permanentemente em todas as suas ações.

No que se refere aos encontros dos universitários com a professora orientadora para avaliação de suas ações e atitudes, constata-se interesse deles em se autoavaliar e conhecer a avaliação da professora, para poderem

redirecionar seus trabalhos. Tal reflexão crítica objetiva relacionar teoria e prática e trabalhar a dinâmica de aprender a teoria para compreender a prática, corrigir os pontos deficientes e até descobrir novas aplicações para suas ações.

A esse respeito, Meirieu (2005) considera essencial levar-se em conta orientações e análises de aquisições de uns e de outros, permitindo, assim, que cada um encontre a sua melhor maneira de trabalhar. “E é sempre conveniente que o professor recontextualize regularmente o trabalho e faça um balanço dele, que realize sínteses, formalize as aquisições e indique os objetivos a serem atingidos.” (p. 202).

A participação dos universitários implica a realização de duas ordens de atividades. A primeira diz respeito àquelas realizadas com a professora orientadora do projeto, constituídas de elaboração do planejamento dos encontros e dos recursos didáticos; de elaboração de relatório dos encontros; de estudo de textos literários sobre metodologias de ensino; de avaliação do projeto para revisão e reformulação de ações; de avaliação final do projeto e elaboração de relatório que será entregue à coordenação da universidade.

A segunda ordem de atividades refere-se àquelas realizadas diretamente com as crianças, ou seja, a aplicação de avaliação diagnóstica; a elaboração de relatório e análise preliminar dos resultados da avaliação; a elaboração de propostas de atividades, de acordo com os resultados apresentados na avaliação diagnóstica; a observação constante do desempenho da criança na realização das atividades e a elaboração de avaliações para acompanhamento dos avanços e recuos no processo ensino-aprendizagem.

Avaliação do projeto

Como parte da reflexão sobre o desenvolvimento do projeto, buscou-se saber dos universitários, por meio de questionário semiaberto, as situações vivenciadas durante os encontros e qual contribuição, na opinião deles, o Projeto traz ao desenvolvimento das crianças. Para isso, seis dos sete universitários participantes, aqui chamados de **A, B, C, D, E** e **F** responderam a oito questões, sendo que três delas estão aqui apresentadas:

AVALIAÇÃO DOS ENCONTROS
4 – Ao ingressar no Projeto, os alunos apresentaram:

a) conhecimentos/dificuldades:
b) comportamento:

5 – Já observei a seguinte contribuição do Projeto ao desenvolvimento dos alunos:

7 – Uma situação vivenciada:
a) positiva:
b) negativa:
c) nestas duas situações, como agi?
d) penso que deveria ter agido diferente: ( ) sim ( ) não - Justifique

Na quarta questão, referente aos conhecimentos, dificuldades e comportamento apresentados pelas crianças ao iniciarem os encontros, a resposta dos universitários mostra a percepção das capacidades e competências das crianças, sendo que três deles reconheçam-nas como fruto do convívio familiar e escolar e outro, considera que algumas crianças demonstram "alto potencial de conhecimento em exatas".

Quanto às dificuldades, os universitários não as especificam, apenas se referem a elas como ocorridas na escola e no convívio social.

A resposta de alguns universitários:

Universitário C:

Todos trazem conhecimentos, cada um com sua base escolar, familiar, etc. E como todos ser humano, os alunos também apresentam suas dificuldades, tanto na prática escolar, como também no convívio social.

Universitário D:

Normalmente as crianças trazem um conhecimento adquirido no dia a dia, no convívio de seus lares e da escola, as dificuldades são muitas, pois eles necessitam de muito carinho e atenção.

No que se refere ao comportamento das crianças, os universitários dizem observar tipos variados, "do mais tímido ao mais articulado, do mais quieto ao mais falador".

Algumas respostas dos universitários:

Universitário B:

Muitos são bastante tímidos, quase não falam, nem quando perguntamos algo para eles, já outros são falantes e até agressivos, tanto nas palavras quanto nas atitudes.

Universitário D:

O comportamento varia de um para outro; por exemplo, um pode ser agitado demais e o outro quieto demais, uns ficam "viajando" durante as atividades, como se desligasse de tudo o que há em sua volta, mau comportamento, pouca atenção, etc.

A questão cinco refere-se à contribuição do Projeto ao desenvolvimento dos alunos e a opinião dos universitários é que aos poucos as crianças passaram a demonstrar confiança no grupo, o que, segundo eles, trouxe maior participação nas atividades e mudança no desempenho e no comportamento de algumas crianças.

As respostas dos universitários:

Universitário D:

O projeto ajuda muito no desenvolvimento do aluno, pois trabalhamos como se cada atividade correta fosse uma vitória, sempre os colocando como vencedores que subiram mais um degrau de sua escada, ao contrário do que sabemos acontecer na escola, que muitas vezes são rebaixados pelas suas dificuldades.

Universitário E:

Pude observar que as crianças já possuem certa confiança com o nosso pessoal, e isso tem contribuído muito no suprimento de suas dificuldades. Pude observar também que, com os alunos que trabalhei, a maior parte tem adquirido gosto pela leitura durante a nossa atividade.

A sétima e última questão aqui apresentada diz respeito às situações vivenciadas pelos universitários no desenvolvimento do projeto. Subdividida em quatro itens, todos consideram o bom desempenho das crianças nas atividades propostas como situação positiva experimentada durante os encontros. Nesta questão, mostrou-se interessante a resposta do único universitário do gênero masculino que relatou surpresa e satisfação em perceber sua aceitação pelas crianças “logo no primeiro dia”.

Algumas respostas dos universitários:

Universitário A:

Foi no dia em que trabalhamos a poesia da identidade e algumas crianças espontaneamente partilharam experiências vivenciadas no dia a dia e representaram através do desenho a particularidade da sua família.

Universitário F:

Foi quando estávamos brincando de bingo e eles começaram a acertar as contas e queriam mais; queriam que eu aumentasse o grau de dificuldade; [...] todos sabiam que se divertiam, perdendo aquele "medo" da matemática e que da para aprender brincando. Eu vi a alegria nos olhinhos deles e sei que para eles o que era dificuldade, deixou de ser naquele momento.

Em relação à situação negativa, a maioria das respostas relaciona-se à dificuldade sentida pelos universitários no “manejo” com as crianças ao manifestarem atitudes ofensivas e agressivas com os colegas.

As respostas dos universitários:

Universitário A:

Foi quando conversei com F. e V. e disse que deveriam rever seus comportamentos, caso contrário iriam ficar separados um do outro pensando nas suas atitudes.

Universitário B:

Foi quando uma garotinha, de histórico complicado, me chamou atenção quando suas amigas reclamaram de sua agressividade durante a semana toda e também ali na aula. Ainda nas primeiras atividades, no acolhimento, num momento de fúria ela disse estar com muito ódio; questionada se sabia o que significava ódio, ela disse não saber, repetia apenas o que ouvia. Acho triste uma criança sentir algo terrível assim.

Quanto à forma que agir diante de tais situações, a resposta dos universitários demonstra boa percepção de suas atitudes, visto que a avaliação que fazem de si mesmos se mostra rigorosa e crítica.

Algumas respostas dos universitários:

Universitário B:

Admito que fiquei bastante assustada e apenas observei a situação depois que ela passou, com a ajuda de uma outra professora. Fiquei apenas refletindo sobre aquela situação.

Universitário C:

Na positiva, considero ter agido certo, pois dei a atenção necessária aos alunos, interagindo junto com eles e elogiando-os quando necessário.

Já na negativa, eu não agi certo, talvez por não saber como lidar com aquela situação.

E, finalmente, a respeito do que pensam sobre sua ação, a maioria dos universitários considera que deveria ter agido diferente em algumas situações.

As respostas dos universitários:

Universitário A:

Se fosse hoje, eu teria me sentado com ele, conversado e colocado como devemos nos respeitar um ao outro.

Universitário F:

Sim (penso que deveria ter agido diferente), pois tenho muito o que aprender, mas por ser o começo de uma longa estrada de conhecimentos, naquele momento eu fiz o que estava ao meu alcance. Mas poderia ter feito mais.

Portanto, o que se pode reter das respostas dos universitários é que são capazes de observar as habilidades e competências das crianças, bem como seus interesses e atitudes, tanto nos primeiros dias como no decorrer dos encontros. Suas respostas mostram, ainda, percepção de suas próprias ações e capacidade de vislumbrar alternativas de intervenção junto às crianças, dependendo das atitudes positivas ou negativas nas situações vivenciadas:

Vale ressaltar que em discussões e reflexões com a professora orientadora, dizem-se preocupados quanto às intervenções pedagógicas e afetivas que deverão adotar para ajudar seus alunos quando forem trabalhar na escola e surgirem problemas de aprendizagem ou de comportamento. Acreditam que os conhecimentos adquiridos no curso de Pedagogia e, em especial, no desenvolvimento deste projeto, lhes trarão mais segurança para lidar com os alunos quando, por exemplo, na sala de aula estes se encontrarem em desentendimentos ou lhes fizerem certos questionamentos.

Em relação à preocupação dos universitários, Meirieu (2002) defende que para cumprir seu projeto de educar, o professor não pode dispensar as emoções em suas ações e suas principais virtudes devem ser a indignação e a inquietude. Enfatiza a “solicitude pedagógica” que, segundo o autor, é a verdadeira expressão da preocupação consigo e com o outro. Ela “se insere em um fundo de inquietude, beira o tormento, manifesta-se pela preocupação assumida pelo futuro do outro tanto quanto pela vontade de estimulá-lo a agir ele mesmo, a se pôr em movimento e a decidir sua própria trajetória.” (p. 70).

Outro ponto importante observado durante os encontros é o cuidado especial dos universitários no trato com as crianças, o que leva ao bom relacionamento entre todos. Orientados, tentam manter um clima de

disciplina e organização para trabalhar na sala. No aspecto afetivo, incentivam-nas, conversando, questionando, elogiando ou advertindo de maneira encorajadora, atentos às diferenças de nível de desenvolvimento e de temperamento e à adequação do momento, para não atingir negativamente a autoestima da criança. Em contrapartida, as crianças manifestam carinho por eles, parecem gostar muito deles.

REFERÊNCIAS

CORREIA, L.M. Para uma definição portuguesa de dificuldades de aprendizagem específicas. Revista Brasileira. SP, v.13, n.2, p.155-172, mai.2007

CRUZ, S. A. B. Aprender pela escola à luz de Meirieu: experiência de formação de professores em meio à sala de aula. 2011. 248m f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2011.

CRUZ, S. A. B. O professor diante das dificuldades de aprendizagem dos seus alunos: concepções e intervenções. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2003.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Plano Nacional de Extensão (1999-2001). Brasília. SESU/MEC,2001

MELLO, G. N. Formação inicial de professores para a educação básica: uma (re)visão radical. In Revista Iberoamericana de Educación, Madrid / Buenos Aires, nº 25, 2001, pp. 147-174.

MEIRIEU, P. O quotidiano da escola e da sala de aula. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MEIRIEU, P. A Pedagogia entre o Dizer e o Fazer. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MEIRIEU, P. Aprender sim, ...mas como? Porto Alegre: Artmed, 1998.

SILVA, Oberdan Dias da. O que é extensão universitária? <Disponível em http://www.ecientificocultural.com/ECC2/artigos/oberdan9.html > acesso em 01set, 2008.